

Entrevista em 18 de janeiro de 2007 com o Babalorixá Oya Gindê com a participação de seu filho de santo Márcio.

Oya Gindê: Eu fiz santo, morei na casa do meu pai de santo dois anos e... depois por motivos particulares me ausentei dessa casa e fui andar pelo mundo, ver outras coisas. Vinte anos, entendeu?

Márcia: Muito novo né?

OG: em 73 eu fiz o santo, e aí eu permaneci uns dois anos ali muito fiel a coisa né, que pulamos aí para 75. Depois eu já aí com 20 anos, 21 anos, fui conhecer outras coisas que não era religião né. Me perdi, me perdi, esqueci da religião e quando eu me dei conta eu já estava perdido. Aí um dia eu mal, mal, mal, eu falei assim; acho que eu vou lá na casa do meu pai de santo. Aí eu voltei lá. Cheguei lá ele abriu um jogo de búzios pra mim e disse assim; quem tá fazendo isso na tua vida é lansã. Lansã quer obrigação de 7 anos e quer que você abra uma casa. Eu dei uma gargalhada por que eu estava indo lá pro que eu estava sendo despejado do apartamento que eu moro, como é que lansã queria obrigação de sete anos e uma casa? Se eu estava sendo despejado! Aí eu contei pra ele, ele deu outra jogada de búzios e disse pra mim lansã vai encontrar o caminho. Falei: bom então lansã que encontre o caminho! Só que nessa minha ausência do santo eu conheci uma pessoa e esta pessoa, amigo, e esta pessoa teve uns problemas judiciais, e eu ajudei essa pessoa. Essa pessoa foi embora pra Portugal e nesta ocasião esta pessoa voltou de Portugal e me procurou. E essa pessoa tinha ido a Portugal receber uma herança, me procurou e me viu naquela situação, e aí eu contei que tinha acontecido a passagem, de eu ter ido na casa do meu pai de santo coisa e tal... Você vai fazer a sua obrigação por que eu vou dar de presente toda a sua obrigação,

M: Isso eu acho lindo né? Eu acho interessante isso!

OG : Não discuti mais o assunto, entrei em contato com meu pai de santo providenciamos tudo. Minha querida, dia 18 de dezembro foi a festa do dia da minha obrigação.

M: de que ano?

OG: No caso 23 anos atrás, 24 anos atrás seria...82. Isso, em 82 eu entrei pra fazer minha obrigação de sete anos, 18 de dezembro, quando foi no dia 3 de março no ano seguinte eu estava entrando nesta casa e estou nesta casa até hoje.

M: Foi esta casa?

OG: Foi esta casa! Aí você diz: como você chegou a esta casa? Eu morava num apartamento, no tal apartamentozinho que eu tava na encrenca de ser despejado, um irmão de santo meu passou por aqui e disse: eu encontrei uma casa pra você morar, é uma casa horrorosa caindo aos pedaços, mas tá uma placa: aluga-se e tem um quintal enorme que você pode fazer a casa de lansã. E aqui eu entrei nesta casa, só que esta casa fazia parte da fazenda do Barão da Taquara, então é

uma casa que não tem RGI, não tem documento, não tem medidas, não tem nada, fazia parte da fazenda ele pegou um pedaço e botou um empregado pra morar aqui nesta casa. E eu entrei aqui, quando no meio do caminho, foi tudo tratado numa imobiliária, o meu senhorio se aborreceu com esta imobiliária e tirou da mão desta imobiliária, sentou comigo e me contou toda essa história que aquilo era do pai dele, ele já um senhor, que aquilo era do pai dele, ele não tinha documento nenhum ele ia doar isto aqui pro estado e coisa e tal, que eu ficasse por aqui.

Isso assim com uns três ou quatro anos que eu estava morando aqui e pagando aluguel como inquilino, aí ele falou pra mim de hoje em diante eu não quero mais receber e você fique aqui e tome conta disto aqui e aqui estou até hoje.

Peguei um arquiteto e uma engenheira, vieram aqui e fizeram a planta disto tudo que eu construí. Foram na Prefeitura deram entrada nessas obras e aí pediram que o meu IPTU passasse a vir com essas benfeitorias que eu fiz, então o meu IPTU vem no meu nome e do lado vem escrito benfeitor, eu não venho como proprietário sim como benfeitor da terra, a 23 anos.

Aí foi cogitado aquele papo vamos entrar com uso capial coisa e tal..

Dois ou três advogados da casa disse não faça isso, deixe do jeito que está.

E aí eu me acomodei tenho certidões aqui de mil e oitocentos e não sei o que, certidões de tudo que você possa imaginar, guardada pra provar que nunca foi propriedade de ninguém e sim do Barão da Taquara.

M: E continua sem o seu nome?

OG: Continua sem o meu nome.

M: E ninguém nunca veio...

OG: Apareceu um suposto herdeiro, quer dizer suposto não, filho realmente deste proprietário. Ele me jogou na Justiça mas o juiz pediu que ele provasse que a terra era dele ele não conseguiu provar e ficou decidido que eu ficasse com a posse.

Eu tenho a declaração da vizinha da esquerda, da direita, dos fundos

M: O uso capião é possível

OG: Eu sei que é mas todo mundo diz pra mim não mexe não... deixa do jeito que tá.

Não mexe não, mexe não por que não é pra mexer, tudo foi chegado assim não é pra você mexer.

M: Deixa quieto né?

OG: Então como eu acredito eu respeito e .. o que que você na verdade gostaria de saber?

Por aqui já passou muita gente boa muita gente ruim, já cuidei de muita gente boa, muita gente ruim

M: gente é gente né? Onde tem gente tem todos os tipos

OG: Fui filho de santo dessa casa onde fiz santo até os meus quatorze anos de santo, depois por problemas particulares me afastei dessa casa e procurei uma

outra pessoa para dar continuidade, entendeu? Fique nessa casa, meu pai de santo que me raspou, hoje em dia é morto.

M: Seu axé é o que?

OG: É Goméia

M: Da Goméia é?

OG: Seu Joãozinho da Goméia, porque eu sou filho de santo de Dito de Iansã, neto de **Agiu Efan** de Caxias.

M: Isso é Angola?

OG: É. Porque eu fiz santo em Angola.

M: Mas hoje você é Angola ?

OG: Não, hoje eu sou Ketu, neto de **Agiu Efan**, bisneto de **Deoandá**, Miguel Grosso

M: Já ouvi falar

OG: Era a **Digiuyana** dele era **Deoandá**, e aí já estou no tataraneto no caso né?

M: Bisneto.

OG: É. E aí Joãozinho da Goméia que era o pai de santo de **Deoandá**. Só que aqui muita coisa foi se perdendo, por exemplo o **Agiu Efan** fez obrigação com o Valdemiro Baiano.

M: Nós fomos lá na casa dele.

OG: Entendeu? O **Agiu Efan** saiu da mão do **Deoandá** foi pra mão do **Baianomas** a história é essa.

M: Porque o Pai Valdemiro é Ketu, né?

OG: A princípio ele fez santo em Efon né? Por que ele era filho de santo do seu **Cristovo** e aí depois ele foi pro Gantois fazer obrigação, foi quando se tornou Ketu. Ele é muito mais velho do que eu e eu nem tenho esse direito né de comentar, e a gente tá conversando, eu sou de Iansã e sou assim mesmo.

M: A nossa conversa é franca e não tem esse problema...

OG: Eu sou de Iansã e sou assim mesmo. Vocês conheceram, viram que aquele senhor deve ter muito mais história do que eu

M: Nossa, ele tem 60 anos de santo.

OG: Concorde? Então tu imagina quando ele tinha vinte.

Vocês foram recebidos por ele não foram? Viram toda aquela...Você imagina ele com trinta anos feche os olhos e pense, então...

M: Ele nos atendeu maravilhosamente bem mas o próprio filho de santo dele disse que ele era terrível, assim terrível de gênio né?

OG: Ele é muito difícil, agora tá um pouco melhor por que está doente.

M: Então, olha só, você hoje aqui na casa de santo você toca Ketu?

OG: Ketu.

M: Mas traz algumas coisas de Angola?

OG: Trago porque foi ali que começou tudo né, então eu não posso esquecer isso.

M: Então você vela pelos santos de Angola

OG: Velo, velo...

M: Etem os santos de Ketu?

OG: Isso. Exatamente, velo aquilo é a minha raiz.

M: Quem dessas pessoas que era de Ketu aqui?

OG: Seu Deoandá. Que passou meu pai de santo pra Ketu, aí passou meu pai de santo todos nós fomos fazendo obrigação de Ketu.

O meu pai de santo quando abriu a casa ele não tinha obrigação de sete anos, ou seja, ele era Yaô e aí quando ele fez obrigação de sete anos ele fez com Deoandá, ele pulou do pai pro avô entendeu? O **Agiu** já tinha ido pro Valdemiro, ele como não aceitava o Valdemiro ele recorreu ao Deoandá. Por que essa história do Deoandá no meu axé também é um pouco, é...misterioso, por que o meu avô não foi raspado na casa do Deoandá. O meu avô foi raspado na casa do seu Geraldo **latenu**.

M: Aqui do Rio?

OG: do Rio, eu acho que ele já é falecido, era de Ricardo, uma casa muito antiga meu avô era feito lá. Só que, aquelas coisas de bastidores, na hora da feitura quem fez foi o Deoandá porque o Deoandá estava neste dia da obrigação e aí por ser o Deoandá um pai de santo já famoso o seu Geraldo foi e deu a navalha pra ele fazer.

M: é tem isso sim.

OG: Você sabe que tem essas histórias né?

M: Até por uma homenagem a pessoa e coisa assim

OG: Isso, isso, então aí já começa a raiz se perder

M: tende a misturar um pouquinho. mas quanto ao xirê foi faz o xirê de Ketu?

OG: Não, de Ketu sempre de Ketu, sempre, sempre, sempre.

Toda sala é de Ketu.O que eu posso fazer de Angola é alguma coisa nos bastidores.

M: Você faz por fora assim né? Só pra zelar.

OG: Pra zelar, isso. Uma coisa mais reservada.

M: Você tem muitos filhos de santo?

OG: Bastante, eu acredito que mais de duzentos. Claro que todos não estão na casa, mas pra você ter uma idéia eu tenho vinte e três anos aqui, teve anos que eu cheguei a tirar vinte Yaô.

M: é mesmo? Num ano?

OG: É. Teve, teve. Eu inaugurei essa casa tirando um barco de cinco Yaô e uma Ekedí. Na inauguração já foi cinco Yaô e uma Ekedí, e aí depois foi indo, foi indo, foi indo...

M: Quando o senhor chegou aqui só havia mato né?

OG: Márcia eu vou te contar uma passagem aí. Teve a festa da mãe Regina, eu e um amigo meu fomos na festa. Oxum veio com aquela bonequinha (mostra a boneca) e um arranjo de flores na mão. Aquela bonequinha numa mão e o arranjo de flores na outra.

M: Eu vi as fotos!

OG: Concorde? Eu não tô mentindo. Quando ela saiu eu tava com esse meu amigo eu virei e falei assim: Ai que buquê lindo! Como eu queria ganhar este buquê, aí ele virou pra mim e falou assim: Você gostou Julinho? Eu falei gostei. Por que eu detesto boneca eu não queria esta boneca.

Oxum dançou, rodou, parou pegou a boneca e me entregou. Quando Oxum pegou a boneca e me entregou o meu amigo olhou pra mim e eu falei aí pra que que eu fui abrir a boca. Vim me embora já tinha ganhado a boneca, fiquei satisfeito, falei vou botar lá no quarto de lã coisa e tal.

Passaram-se sete dias e aí quando passa sete dias tem um outro ritual pra levantar as obrigações, Oxum da Regina chegou chamou o Assunção, você conheceu o Assunção lá? Assunção é uma que cuida mora lá com a Regina. Oxum Chegou, mas sete dias depois, pegou este buquê mande este buquê pro seu Oya Gindê por que foi do buquê que ele gostou. Eu fiquei com a boneca e com o buquê, eu acho que aqui conta um pedacinho da minha história (mostra publicação), isso aqui foi feito na minha festa de 25 anos, você está vendo? E aí eu tenho um filho de santo que é muito dedicado, e aí ele fez assim um resumo só que isto aqui foi feito assim numa tarde, eu gravei assim numa tarde, então muita coisa pulou, muitas datas falhou, mas aqui já tem toda uma história de quando eu entrei. Fotografias antigas, fotografia do meu pai de santo, fotografia de quando eu inaugurei essa casa foi a primeira festa, aqui (mostrando na publicação) já foi a segunda festa.

M: Que ótimo, isso aqui é um registro histórico.

OG: Tá vendo? Minha obrigação de quatorze anos que já foi esse senhor que veio dar comida a lã

M: Quem é esse?

OG: Antônio de Amaralina. A minha obrigação de vinte e um anos.

E: Que maravilha! Muito bom porque publicação a gente esta querendo. Se tiver publicação, se tiver disco, se tiver outras coisas que saiu em revista ou jornal, outra coisa.

OG: Eu fiz uma previsão pro jornal de bairro, mas não tenho nenhum exemplar, e há muitos anos atrás.

M: Ali é onde guarda os atabaques?

OG: Não. Isso aqui é uma varanda que dá lá pro salão, é uma passagem que quando tem Yaô recolhida qualquer coisa a comida é tudo é feito por aqui, uma porta dos fundos.

M: E cada roncó desse é de um santo?

OG:É. Não seria roncó, seria quarto de santo .Que eu vou pedir pra não fotografar. Pra você ter uma noção aqui só se guarda os assentamentos na verdade.

Tá vendo? Se for recolher, fazer alguma coisa é lá embaixo, lá no roncó. Esse aqui é um quarto pra cada Orixá né. Esses são só dos meus, lá seria o de Exu, de Ogum, de Xangô, de Oxum, Iemanjá, de Oxossi, de Oxalá, de Obaluayê, de Babaegum , de Iansã e de filhos de santo.

M: Tem muita Ekedí, muito Ogan, como é que é?

OG: Tenho, tenho bastante.

M: Você tem idéia assim do número?

OG: Eu posso chamar uma pessoa aqui que vai me ajudar bastante?

M: Claro. A fotografia que você tem...

Pessoas com cargo?

OG: Tenho, tenho. Pai pequeno, mãe pequena. Vai dando esses cargos Márcio . O pai pequeno dessa casa chama-se Ricardo de Tempo, está afastado dessa casa já há algum tempo, entendeu? Então não tem outro pai pequeno.

A mãe pequena desta casa chama-se Vânia de Iansã que também está afastada e não tem outra no lugar, ele também ocupa um cargo Márcio de Oxalá. Qual é o cargo Márcio?

Márcio: **Oloíê**

OG: Sabe o significado?

M: Do **Oloíê**? Não.

OG: Fala pra ela

Marcio: É a pessoa que responde sempre na ausência do pai de santo, do dono da casa.

OG: Independente do pai pequeno

M: Esse **Oloiê**, esse cargo eu não conhecia.

Márcio: As pessoas também chamam de **Oxopi**

M: Esse **Oxopi** é em Angola ou é em Keto?

OG: Em Ketu também. É aquela história de Jesus Cristo e Jeová, muda o nome. Temos também a Yabassé da casa, chama-se Tânia de Oxum uma pessoa que já está comigo aqui há uns doze anos. Aí de Ekedí eu vou começar a contar aqui nos dedos...Onze! De onze a doze Ekedis. Ogan é menos, por que esse rapaz que me doou tudo quando eu fui fazer a obrigação de sete anos foi o primeiro Ogan daqui. Em retribuição ele teve um problema de saúde e aí eu fiz o santo dele aqui. Então eu tenho ele, tenho o Marcos da Marli, tenho o Marco Aurélio, tenho o Alcioli, tenho o Tielis, tenho o Max, tenho o Batuque, o Júnior e só de Ogan eu acredito..... Alceni, Geilson. Acredito que dez

Márcio: O Luís.

OG: E o Luís. Onze! Também. Agora filhos de santo não me faça contar, eu tenho até inclusive um caderno, mas passando já tem um determinado período que não foi mais anotado, bem esse caderno já não deve ser mexido há mais de seis anos.

M: Quando abriu a casa já abriu com Ketu?

OG: Com Ketu. Já abriu com Ketu, tirando quatro Yaô e uma Ekedí.

M: E as festas de calendário que você faz aqui?

OG: Eu tenho um calendário.É anual. É o mesmo sempre, sempre, sempre, sempre.... Só tem uma festa que é recente aqui, que é esta festa que eu te falei que eu faço em Maricá. Seis anos atrás eu fui pra Maricá como inquilino, e um dia eu meio apurrinhado fui lá sentei na casa de frente pro mar, não tenho rua!

Eu abri o portão é a praia. Um dia eu apurrinhado sentei na areia e falei pra lemanjá assim; ô lemanjá eu precisava tanto ter uma coisa no meu nome, por que como eu acabei de te contar a história aqui, isso aqui não é no meu nome, então eu disse pra lemanjá: lemanjá eu já estou com quase cinqüenta anos, eu não tinha cinqüenta anos, e eu preciso ter alguma coisa no meu nome que diga assim: é meu. Me ajuda a comprar essa casa. Se um dia eu conseguir comprar essa casa todo ano eu faço uma festa pra você aqui. Eu era inquilino, era uma casa como essa, caindo aos pedaços!

E já aluguei a casa nas seguintes condições: Você fica aqui um ano ajeita minha casa depois você começa a pagar o aluguel, por que o povo está acabando com a minha casa. Já entrei nessa casa nessas condições, pra você ter uma idéia de como estava a casa, o povo estava acabando com a casa e coisa e tal, eu

comecei a melhorar a casa, depois de um ano eu comecei a pagar aluguel e foi nesse ano que eu tava pagando aluguel que eu falei isso pra lemanjá. Quando foi um dia, esse meu proprietário virou pra mim e falou assim, quando eu fui levar o pagamento, ele virou, ele tem uma firma na Avenida Brasil, quando eu fui levar o pagamento ele falou pra mim assim: Zezinho por que que você não compra a minha casa? Eu sorri. Falei: mas como eu vou comprar a sua casa? Você sabe da minha situação, eu sou Babalorixá eu não comprovo renda, eu não tenho como fazer isso! Como é que eu vou apanhar um financiamento? Quanto é que você quer na casa? Eu quero R\$45.000.00. Vim me embora com aquilo na cabeça. Teve um churrasco na casa da praia e aí um marido de uma filha de santo falou pra mim assim: Porque que você não compra essa casa? Eu falei mas como que eu vou comprar essa casa? E ele virou pra mim e falou assim faz um... pede um financiamento na Caixa Econômica. Eu falei: mas como? Bom você quer? Falei quero. Ele disse: Bom aí já é comigo! Você quer a casa? Tem o nome limpo, tem? Não tem dinheiro nenhum pra dar de entrada? Você precisa de um financiamento de 100%. Falei preciso de um financiamento de 100%.

Bom, uma semana depois ele me telefonou e disse vai na Caixa Econômica de Caxias que o gerente já está esperando, você leva teus documentos, em resumo: eu comprei esta casa, e naturalmente que eu comprei esta casa em Outubro, no ano seguinte Fevereiro daquele ano seguinte eu passei a todo ano fazer um presente pra lemanjá. Eu comecei com um ônibus, levando daqui um ônibus, hoje já são dois, três ônibus que vão. Eu comecei fazendo uma peixada de trinta quilos, a do ano passado já foi de cem quilos. Eu quero chegar com este presente de lemanjá um dia virar um calendário lá em Maricá, entendeu? Mas eu sei que é devagar eu só tô com quatro anos, eu tenho paciência de esperar aí mais uns dez.

Aqui está o meu calendário! Janeiro. Eu começo... é o **Babaegum** dessa casa. É o aniversário dele, que na verdade é dia 13, mas como caiu num sábado eu joguei pro dia 15. Dia 4 é a festa de lemanjá lá em Maricá, tá? Isso aqui é matança de carnaval. São festas que cai cada época num dia. Agora essas daqui... Oxum é Dia das Mães, porque eu sou do dia 10 de Maio e no ano que eu nasci em 56, 10 de maio caiu no Dia das Mães. Então eu nasci no Dia das Mães! Então todo ano no Dia das Mães há vinte anos eu faço uma festa pra Oxum! Aqui é a festa do Oxossi, e aqui é a festa de Iansã porque eu sou do dia 13 de Julho! Então eu faço sempre um sábado depois do dia 13 de Julho. Agosto é **Urubagé**. Eu fazia na última segunda-feira, mas de quatro anos pra cá eu faço no meio porque todo ano eu vou a Londres.

Eu tenho um filho de santo que tem uma escola de samba em Londres e... o primeiro carnaval da escola de samba foi uma homenagem que ele fez a mim, o enredo foi eu, foi o Candomblé. E aí eu fui pra lá. E daquele ano em diante, a escola de samba tem seis anos, daquele ano em diante a escola de samba nunca mais desceu, então eu vou lá todo ano na última semana de Agosto. É por isso que eu adiei. Setembro é a minha festa de Xangô. Novembro é a festa da Cigana que eu faço, do Márcio. E dezembro é Oxalá.

M: Ah! Tá! Você faz Oxalá em Dezembro ao invés de Janeiro né?. Faz ao contrário.

OG: Isso!

M: A data da fundação da casa é 1973?

OG: Não. 73 não. Eu estou a 23 anos, vou fazer 24, então é ...83.

M: 73 foi da sua feitura?

OG: Da minha feitura.

M: Tem a data?

OG: O dia que eu inaugurei? 14 de Maio.

M: De 82?

OG: de 82.

E: É nascido no Rio?

OG: Sou. Conta ali (na publicação) como eu entrei no espiritismo, como foi a minha chegada ao espiritismo.

M: Aqui começou como uma casa antiga? E essa casa antiga era pequenininha?

OG: Era só a casa e o resto era quintal e aí fui eu.

M: Conforme o tempo foi modificando?

OG: Exatamente. Os primeiros Candomblés foi na lona, os quatro primeiros Candomblés foi na lona emprestada, por que eu não tinha nem a lona.

M: Você tem idéia de modificar ainda mais? Já está pronto agora?

OG: Não. Já está pronto. Agora é só uma questão de arremate, acabamento, um piso melhor, essas coisas assim.

M: Assim, tem alguma coisa na sua história, dentro do santo, que tenha marcado, que vale a pena contar?

OG: Muitas coisas minha irmã! Só essa passagem de lansa quer a casa e eu estar nessa casa até hoje! Eu vivo disso! Eu jogo búzio de dia pra comer de noite, eu vivo disso, eu mantenho toda esta casa com o meu trabalho religioso. Então eu acho que isso pra mim é... é tudo.

M: Já tem a obrigação de 21 anos?

OG: Já.

M: Além do xirê, das ajudas que dá espiritualmente, vocês fazem aqui alguma ajuda social?

OG: Sim. Eu distribuo esse cheque cidadão. Na verdade foi um vizinho meu que tem forte tendência política e veio me propor isso, sabendo que a casa tinha CGC,

que tinha tudo isso, veio me propor isso. Por que ele não queria entregar numa Igreja Evangélica, por que você sabe que a Igreja Evangélica só entrega a irmãos da Igreja. Então ele não queria correr esse risco. Ele me perguntou se eu me incomodava de ceder os documentos da casa, eu falei pra ele que desde o momento que não fosse nada que lá na frente viesse a me prejudicar, não teria problema nenhum. Aí eu assinei todos os documentos, ele cuida disso. Se eu disser pra você que eu já fui lá ver como é que é, que eu sei que é uma falha minha por que afinal de contas é a minha casa que está em jogo, mas eu sou uma pessoa que até que você me prove ao contrário eu confio em você. Entendeu? Então todo mês ele vem aqui, chama o pessoal, eu cedo essas mesinhas. Tem até crente! A princípio os crentes não queriam entrar. Quando foi um dia o Márcio disse: Se eu fosse vocês parava de palhaçada por que vocês não querem entrar, mas vocês recebem o cheque aqui no portão! Será que Jesus vai ser contra vocês receberem comida? Aí eles foram. Agora não, entram. Tem um determinado dia que eu não me lembro bem qual é o dia, ele vem, eu armo toda uma situação ali embaixo pra ele, pra também não trazer aqui pra cima. E ali ele distribui. Se você me perguntar se é cem ou cinquenta, mas eu acredito que seja mais de cem pela quantidade de pessoas que vem.

M: Tem outros trabalhos? Vocês dão curso aqui?

OG: Não. Demos alguns anos atrás de cântico, essas coisas. Mais isso já bem, tipo uns doze anos atrás.

M: Tem outras casas de santo aqui em volta?

OG: Não. Tinha o falecido Nilo, que chegou primeiro do que eu, o falecido Jorge também que chegou primeiro do que eu. O mais velho aqui sou eu.

M: Teve alguma época que ficou fechada a casa?

OG: Nunca... Vamos falar de Maricá. Por que essa minha casa de Maricá, ela fica de esquina. Rua 70, ela fica de esquina. E aqui, aqui eu tenho um vizinho que é um terreno baldio. Aqui é uma praça que a prefeitura tem um projeto de construir uns quiosques, e eu tenho intenção que se essa minha festa de lemanjá crescer, tirar de dentro do meu quintal e jogar essa festa pra essa praça. Mas só que a praça ainda tá só no capim. Um vereador, se alguém lá quisesse me ajudar na festa[...] Por que ano passado você vê, foram 40 caixas de cerveja, 100 quilos de peixe. E esses peixes é uma pessoa que me dá todo ano né. E a cerveja a gente faz uma vaquinha e compra. Mas se tivesse alguém que pudesse ajudar, não seria só 100 quilos, seria 150! Porque é comida mesmo, assim a vontade.

M: E quem quiser chegar, chega?

OG: Dia quatro de fevereiro, se vocês quiserem ir lá... é uma festa bonita pra ser fotografada. É na praia, é muito bonito! Todo mundo de baiana os filhos de santo, a gente leva um balaio.

M: Aqui tem uma Associação?

OG: Um estatuto, aqui o CGC que agora é CNPJ. Aqui é a publicação do Diário Oficial. Isto aqui é uma coisa que eu fiz. Leia isso aí.

M: Como se fosse uma escritura da casa?

OG: Passando pra instituição, doando pra Instituição filantrópica ...

M: Muito bom, dando direito de posse. Aí não tem como ninguém tomar!

OG: E nem tem ninguém pra brigar como herdeiro, eu tô doando.

M: o processo de construção?

OG: O arquiteto?

M: É. Na hora de trabalhar mesmo.

OG: Fui eu. O arquiteto quando chegou já estava tudo pronto. A maneira de construir, tudo fui eu.

M: No dia de festa vocês oferecem comida normal ou faz comida de santo?

OG: Depende da festa. Mas é sempre comida normal.

M: Normal. Tipo é uma feijoada?

OG: É comida de humano, não é de espírito não .

M: Normal. Comida de gente!

OG: É comida de gente .

M: Mas usa nos rituais, em todas as celebrações as comidas de santo normais né?

OG: Normais.